**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA**

**CURSO DE LETRAS**

# O NEOPAGANISMO DE RICARDO REIS

**Por: Rodrigo Maciel da Silva Braga**

Campina Grande, maio de 2016

**Rodrigo Maciel da Silva Braga**

# O NEOPAGANISMO DE RICARDO REIS

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa

Campina Grande-PB, maio de 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B813n Braga, Rodrigo Maciel da Silva
O neopaganismo de Ricardo Reis [manuscrito] / Rodrigo Maciel da Silva Braga. - 2016.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes".

1. Ricardo Reis. 2. Ode. 3. Neopaganismo 4. Fernando Pessoa. I. Título.

21. ed. CDD P869.1

**Rodrigo Maciel da Silva Braga**

**O NEOPAGANISMO DE RICARDO REIS**

**Data da apresentação:** 11 / 05 / 2016

**BANCA EXAMINADORA:**

10,0

Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB - Orientador

Flaviano Maciel Vieira 10,0

Prof. Me. Flaviano Maciel Vieira – UEPB - Avaliador

Jhonatan Leal da Costa 10,0

Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa – UEPB - Avaliador

NOTA: 10,0

A minha mãe, Maria do Carmo Maciel da Silva, por ter sempre acreditado em mim, pelas orações e pelo amor incondicional! Amo você!

A meu pai, João Damasco Mangueira Braga, pelo incentivo, paciência e valiosas trocas de ideias, ao longo do desenvolvimento deste trabalho! Amo você!

**DEDICO ESTE TRABALHO**

**AGRADECIMENTO**

Agradeço ao meu orientador, Professor Edson Tavares, por me ter feito enxergar a grandiosidade e a riqueza da obra de Fernando Pessoa, especialmente do heterônimo Ricardo Reis, e pelas assistência paciente e minuciosas correções de rumo, que possibilitaram a produção deste trabalho!

“E de tudo tiremos a beleza

Como a presença altiva e encoberta

Dos deuses, e o sentido

Calmo e imortal da vida...”

**Ricardo Reis**

**RESUMO**

Tanto quanto Camões, Fernando Pessoa é um marco na literatura portuguesa, porém ainda não plenamente estudado. A criação de seus heterônimos é um fato inigualável. Abordamos neste trabalho o neopagão Ricardo Reis. A partir da leitura minuciosa de todas as odes de Reis, mostramos o neopaganismo nelas, com maior atenção ao epicurismo, ao estoicismo e à influência de Horácio, mas também como a forma dos poemas reproduz harmoniosa e adequadamente as formas clássicas. Utilizamo-nos, para isso, de referenciais teóricos de Bréchon (1999), Moisés (2007), Reale (2011), entre outros.

**Palavras-chave**: Ricardo Reis. Odes. Neopaganismo. Fernando Pessoa.

**ABSTRACT**

Like Camões, Fernando Pessoa is a milestone in Portuguese literature, but he is not yet fully explored. The creation of heteronyms is unmatched fact. This work comprehends neopagan heteronym Ricardo Reis. Departing from a thorough reading of all Reis's odes, we depict the neopaganism wich is in them, with an emphasis on epicureanism, on stoicism and on the influence of Horace. In addition, we show how the poems' structures reproduce harmoniously and suitably the Classical Style. We use for that the theoretical framework of Bréchon (1999), Moisés (2007), Reale (2011), among others.

**Keywords**: Ricardo Reis. Odes. Neopaganism. Fernando Pessoa.

**SUMÁRIO**

**1 Introdução – 9**

**2 Alguns conceitos e informações preliminares – 10**

2.1 Neopaganismo – 10

2.1.1 O deus Pã – 11

2.2 Epicurismo – 11

2.3 Estoicismo – 12

2.4 A lírica de Horácio – 14

**3 Fernando Pessoa e seus heterônimos – 18**

3.1 Informações biográficas – 18

3.2 Considerações sobre a obra – 19

3.3 A heteronímia – 19

**4 Ricardo Reis – 23**

4.1 Generalidades – 23

4.2 O neopaganismo das *Odes* – 23

4.2.1 A temática das odes – 23

4.2.2 Influência de Horácio – 25

4.2.3 O niilismo em Ricardo Reis – 28

4.2.4 O epicurismo de Ricardo Reis – 30

4.2.5 O estoicismo de Ricardo Reis – 30

4.2.6 A forma das *Odes* – 31

4.2.7 Um poema ilustrativo – 33

**5 Conclusão – 38**

Referências bibliográficas – 39

## 1 Introdução

Neste trabalho, abordamos o Neopaganismo da obra de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa. Damos atenção especial ao Epicurismo e ao Estoicismo, filosofias adjacentes, essenciais na mundividência e na poesia de Reis; ilustramos com a influência do poeta grego Horácio e destacamos outros elementos formais ou conteudísticos das odes de Reis, com vistas à explicitação do Neopaganismo.

Abordamos preliminar e sucintamente o Neopaganismo, o Epicurismo e o Estoicismo, bem como a poesia horaciana, e fazemos uma também breve apresentação de Fernando Pessoa e seus heterônimos, com ênfase em Ricardo Reis. As apresentações de Horácio, Pessoa e Reis serão ilustradas a partir de suas obras.

Ao longo do trabalho, serão utilizados vários fragmentos textuais, ilustrando a presença de alguns elementos formais abordados. Ao final, concluímos com uma análise de uma ode de Reis, em que os elementos referidos são mostrados globalmente.

## 2 Alguns conceitos e informações preliminares

Três noções importantes para se entender Ricardo Reis são as de Neopaganismo, de Epicurismo e de Estoicismo. É o que abordaremos a seguir, ainda que de maneira breve. Fazemos também uma apresentação sucinta do poeta Horácio, uma das principais influências de Reis.

### 2.1 Neopaganismo

A primeira noção importante para nosso tema é obviamente a de Neopaganismo. Há diferentes nuances semânticas para **Paganismo**, se bem que todas próximas e correlacionadas. Essa palavra foi introduzida pela Igreja Católica, no começo do Cristianismo, para designar os romanos que não aderissem à nova religião. Até hoje, no seio das famílias católicas, costuma-se chamar às crianças ainda não batizadas de pagãs.

Depois, Paganismo passou a aplicar-se às religiões politeístas da Antiguidade clássica greco-romana, referindo-se à crença nos deuses da mitologia. É importante notar que este termo passou a existir somente na era cristã, como referência aos não cristãos ou à crença nos deuses mitológicos, que existia na Antiguidade clássica.

O termo **Neopaganismo**, por sua vez, e a filosofia neopagã são objetos mais recentes, inclusive de uso contemporâneo. Referem-se a uma retomada filosófica do Paganismo. Diversas religiões e filosofias, especialmente nos Estados Unidos, na Índia e em comunidades indígenas, são neopagãs.

Assim como o Arcadismo ou Neoclassicismo baseia-se numa adesão intelectual ou inspiradora, ao passado clássico, pela admiração que causavam as realizações artísticas clássicas, o Neopaganismo igualmente parte da ideia de uma supremacia nas concepções religiosas dos antigos gregos e romanos. O Neopaganismo prende-se, sobretudo, à veneração da natureza, tendo, portanto, o deus Pã como centro de suas atenções.

### 2.1.1 O deus Pã

Pã era (ou **é**) o deus dos bosques e dos campos, dos rebanhos e dos pastores. Amante da música, conduzia sempre uma flauta. Morava em grutas e vagava pelas montanhas e pelos vales. Caçava e dirigia as danças das ninfas. É representado com orelhas, chifres e pernas de bode. Era temido pelos que tinham que atravessar as matas durante as noites, vindo daí as expressões "temor pânico" e, mais simplesmente, "pânico".

Tendo seu nome a acepção de *tudo*, Pã foi tomado por mitógrafos e filósofos como a "incarnação do Universo" [Grimal, 2005, p. 345]. Foi considerado também personificação da natureza e representante de todos os deuses e do Paganismo. É fácil entender que um pagão de hoje, mais do que pensar numa Palas Atena ou numa Afrodite, vai conviver mais facilmente com a ideia da natureza como um deus, ainda mais pelo que esta representa como totalidade.

## 2.2 Epicurismo

O epicurismo começou com Epicuro, filósofo grego do período helenístico, que viveu de 341 a 270 a.C. Difundiu-se também na Jônia, no Egito e em Roma, onde foi cultivado principalmente por Lucrécio. Em Atenas, Epicuro estabeleceu-se numa casa com um grande jardim, razão pela qual seus seguidores eram conhecidos como filósofos do jardim.

A filosofia de Epicuro tinha três pilares: um metodológico ou da Canônica, que tratava das normas reguladoras de toda a doutrina; um teórico ou da Física, que pesquisava as coisas e os fenômenos do mundo físico (os estudos da Física eram avançados: Epicuro discutia e aceitava, por exemplo, as concepções já existentes de um espaço vazio e de um número infinito de átomos); e um prático ou da Ética, que pesquisava os princípios do agir moral com vistas a uma vida feliz.

Epicurismo não é hedonismo, no sentido corrente, ou melhor, o hedonismo epicurista não é a simples busca do prazer dos sentidos, como algumas vezes é erroneamente entendido, e do que, mesmo em sua época, Epicuro e seus seguidores foram acusados. Para o que nos interessa, podemos resumir que, no entendimento de Epicuro, a felicidade consistia no controle dos medos e desejos; sua plenitude dependia

da busca de prazeres moderados, a fim de que se conseguissem a *aponia* (ausência de sofrimento corporal) e a *ataraxia* (ausência de sofrimentos da alma). O Epicurismo pretende, por conseguinte, a "busca dos prazeres que podem ser controlados ou usufruídos com moderação – os prazeres da amizade, da paz, da contemplação estética" [BLACKBURN, 1997, p. 117], sendo necessária sabedoria prática, adquirida através da Filosofia, para atingir a vida agradável.

Era uma filosofia de visada prática. O homem precisava de tempo para filosofar, a fim de ser feliz, anulando o medo do destino, dos deuses e da morte. Os prazeres, para os epicuristas, podem variar, mas não aumentar, de modo que quem vive mais tempo não obtém mais prazer. Isso é importante para entendermos a atitude epicurista diante da morte. Trata-se aqui dos prazeres ditos catastemáticos, como Epicuro denominava a tranquilidade da alma e do corpo, prazeres caracterizados pelo repouso, essencialmente estáveis, em oposição aos prazeres cinemáticos, como a alegria, que possuem movimento.

Este é o prazer que os epicuristas procuravam, o objetivo a ser perseguido pelo homem sábio. Por serem imutáveis, os prazeres catastemáticos não eram prolongados com o maior tempo de vida, pois o que importava era o momento presente, não se devendo, por conseguinte, temer a morte.

## 2.3 Estoicismo

A expressão "suportar estoicamente o sofrimento", que se usa, muitas vezes, quando não se sucumbe à dor, dá uma ideia simplificada e informal do Estoicismo, posto que essa filosofia tem, em sua essência, a busca da impassibilidade diante do sofrimento. O estoicismo começou por volta de 300 a.C., com Zenão de Cício, fenício nascido em Chipre. Entre os primeiros estoicos gregos importantes, destacaram-se Cleantes de Assos e Crisipo de Soles. Panécio de Rodes e Posidônio de Apaméia foram os principais responsáveis por levá-lo depois a Roma, onde encontrou campo fértil e teve representantes da envergadura de Epicteto, Sêneca e do imperador Marco Aurélio. Em Atenas, o Estoicismo era ensinado no pórtico pintado, o *stoa poikilê*. Daí, derivam a denominação *estoicismo*, e ser esta filosofia referida como a filosofia do pórtico.

A cosmogonia dos estoicos é determinista e ordenada, e baseada na ideia de que o curso das coisas passa por ciclos criativos. Determinismo e ordenação relacionam-se intrinsecamente. Se a relação entre causa e efeito é precisa, não probabilística (determinismo), os acontecimentos encadeiam-se numa ordem precisa. Se um acontecimento implica a repetição de um outro, então essa cadeia ordenada há de se repetir. Essa concepção do eterno retorno, segundo a qual os acontecimentos repetem-se ciclicamente no universo é comum a várias correntes do pensamento grego – seja pela assunção de que os acontecimentos se repetem no tempo, seja pela de que o próprio tempo se repete, o que tem complexas implicações filosóficas.

Os estoicos eram partidários da tripartição da filosofia em Lógica, Física e Ética. Desenvolveram diferentes imagens para ilustrar que as três partes são imprescindíveis, tendo, porém a Ética a primazia. Numa dessas imagens, a Lógica é o esqueleto de um organismo vivo, a Física o sangue e a carne, e a Ética a alma. Era necessário desenvolver uma Física que explicasse as relações do homem com o universo, sendo que a Lógica constituía-se num instrumento necessário para isso, por fornecer os critérios de verdade.

A Física dos estoicos era bastante avançada como a dos epicuristas, havendo, porém, muita divergência nas suas concepções; por exemplo, para Epicuro a existência do átomo fazia com que a matéria não pudesse ser infinitamente dividida, do que discordavam os estoicos.

Abordaremos a Ética, a seguir, por sua presença mais visível na poesia de Ricardo Reis.

A Ética, para os estoicos, era fundamentalmente associada a uma identificação com a ordem rígida do universo. "É uma ética da serenidade auto-suficiente e benevolente, em que a paz do homem sábio o deixa indiferente à pobreza, à dor e à morte" [BLACKBURN, 1997, p.128]. Essa indiferença obviamente implica, em princípio, a apatia. "Contudo, o tipo de ética grega, geralmente individualista, acaba por ser amenizada no estoicismo pela necessidade de reconhecer a chama criativa de cada indivíduo, o que dá ao estoico o dever de promover uma ordem social e civil que espelhe a ordem do cosmo criado" [*op. cit.*, p.128].

A apatia estoica era, por conseguinte, compensada pelo compromisso com a adequação à ordem cósmica. A par da devida indiferença do sábio ao sofrimento e à morte, face à ordem do universo, os estoicos entenderam o Destino "como a série irreversível das causas, a ordem natural e necessária de todas as coisas, o indissolúvel nó que liga todos os seres, o *lógos* segundo o qual as coisas passadas aconteceram, as presentes acontecem e as futuras acontecerão" [REALE, 2011, p. 60].

Para os adversários do estoicismo, esse fatalismo tolhe a liberdade humana. Em resposta a essa crítica, os estoicos explicam que "a verdadeira liberdade do sábio está em conformar os próprios quereres aos do Destino, em querer com o Destino o que o Destino quer" [*op. cit*., p.63]. Portanto, para os estoicos, conquanto a ordem das coisas no universo tenha suas causalidades inexoravelmente determinadas pelo Destino, cabe ao sábio agir em conformidade com a ordem universal e conformar seus desejos aos desejos do Destino.

## 2.4 A lírica de Horácio

Quintus Horatius Flaccus viveu de 65 a 8 a. C. Era filho de um antigo escravo liberto. Graças a uma pequena fortuna do pai, pode se educar em Roma e depois estudar Retórica em Atenas. Com 22 anos de idade, foi levado por Marco Bruto, junto com outros jovens romanos, para a campanha na Tessália. Fugiu e teve seus bens confiscados. Anistiado, voltou pobre para Roma, dedicando-se à poesia. Admirado nos meios literários, tornou-se amigo de Virgílio, que o apresentou a Mecenas. Este o presenteou com uma quinta, o que lhe propiciou comodidade para escrever. Horácio preferia a vida no campo às agitações em Roma.

Constam suas obras de epodos, sátiras, quatro livros de odes, o poema lírico oficial *Carmen Saeculare*, e epístolas, entre as quais a *Epístola aos Pisões* ou *Arte Poética*, mais longa que as demais, com aconselhamento sobre a formação dos poetas. Destacamos as *Odes*, pelo maior interesse para este trabalho sobre Ricardo Reis. Segundo Spalding [1968, p. 105], a perfeição das odes, "reside no espírito íntimo, de tom epicurista".

Sua temática é diversificada. Cardoso [1989, p. 67] explica que, "Alternando poemas longos com outros mais curtos, empregando versos jâmbicos ou datílicos, o

poeta canta a juventude, o amor, os prazeres do vinho, a alegria da vida; dirige-se aos deuses, relembra lendas mitológicas, exalta o civismo e o espírito patriótico."

As odes apresentam algumas das mais importantes, difundidas e inspiradoras ideias de Horácio, como o aconselhamento de se usufruir do momento presente, o *carpe diem*, e a exaltação da simplicidade, com desprezo pela riqueza, a *aurea mediocritas*. Há outros temas, relacionados com política ou patriotismo, mas enfatizamos aqui as fontes inspiradoras de Ricardo Reis.

Exibiremos a seguir, ilustrativamente, fragmentos de um epodo e de algumas odes horacianos, sempre com vistas a mostrar sua influência em Ricardo Reis. Os epodos antecipavam as odes. "Pelo emprego de variedade de metros e combinações estróficas, os epodos anunciam as poesias horacianas genuinamente líricas, as Odes" [SPALDING, 1968, p. 105]. No epodo 13, por exemplo, a antecipação temática do *carpe diem* [1]:

> Hórrida tempestade o céu moveu
> e chuva e neve sobre a terra caem;
> [...]
> Aproveitemos a ocasião, amigo,
> que a nós nos oferece o dia, e, enquanto
> no-lo os joelhos permitem e o decoro,
> que se expulse a velhice carrancuda.
> Do teu celeiro tira o vinho velho,
> fabricado no tempo de Torquato,
> [...]
> Apraz-nos, no momento, perfumar-nos
> com aquemênio nardo e os corações
> aliviar, com a lira celinéia,
> [...]
>
> [Horácio, epodo 13, p. 221]

Neste epodo, aconselha-se o *carpe diem*, mediante o usufruto do vinho, do perfume e da música. O eu lírico propõe que uma situação adversa de "hórrida tempestade" seja uma ocasião a ser aproveitada, enquanto não o impeça a velhice. Vejamos a mesma temática, a do *carpe diem*, numa estrofe da ode I,11:

> Só o presente é verdade, o mais, promessa...
> O tempo, enquanto discutimos, foge:

[1] Para as citações de poemas ou trechos de poemas de Horácio, utilizaremos sempre o livro *Odes e epodos*, da Martins Fontes, com tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz. Usaremos o número do livro em algarismos romanos e a indicação da ode em algarismos arábicos, como na tradução citada. Quando eventualmente citarmos o texto original, as duas indicações aparecerão em algarismos romanos. Os epodos tem numeração arábica.

> Colhe o teu dia, — não no percas! — hoje.
>
> [Horácio, I, 11, p. 39]

São precisas, no fragmento mostrado, a explicitação do *carpe diem* – colher o dia –, bem como sua explicação – aproveitar, não desperdiçar, não adiar o presente, considerando que o tempo passa inexoravelmente.

Nos seguintes versos, o eu lírico recomenda que se mantenha o ânimo na adversidade e a moderação na alegria:

> Lembra-te de manter, ó mortal Délio,
> o ânimo sempre igual, na adversidade,
> e, livre de alegria imoderada,
> nos momentos felizes da existência
> tenhas vivido, desde sempre, triste
> ou às vezes, gozado as tuas férias
> sobre afastada relva inclinado,
> a saborear teu especial falerno.
> [...]
> Manda que para lá te levem vinho,
> perfumes e da suave rosa as flores,
> que só duram, brevíssimas, um dia,
> enquanto te permitem teu estado,
> a idade e as três fatídicas irmãs,
> que o destino dos homens, atras, tecem.
>
> [Horácio, ode II,3, p. 89 e 91]

Os temas são muito recorrentes. Nestes versos, vemos novamente a recomendação do usufruto do vinho e do perfume. A brevidade da vida (das flores, no fragmento mostrado) e a referência às Parcas são frequentes nas *Odes*.

A respeito da *aurea mediocritas*, Spalding [1968, p. 107] a assim se expressa:

> Seu amor [de Horácio] pela *aurea mediocritas*, sua indiferença pelos poderosos e políticos o impelem, sem dúvida, para a filosofia do justo meio. A moral horaciana é a do bom sentido e da experiência e se cifra em gozar a vida moderadamente e em saber escolher os prazeres a fim de que não perturbem o espírito.

*Aurea mediocritas* significa uma vida materialmente medíocre, porém rica (áurea) espiritualmente; refere-se à concepção de que a felicidade depende de nos contentarmos com o que temos, de não desejarmos mais do que está a nosso alcance. Horácio vivia de maneira simples, no campo, que preferia, aos luxos de Roma, e propalava em suas odes a supremacia desse *modus vivendi*.

A virtude, assim como a honestidade e o respeito, é um princípio moral que determina um comportamento humano saudável. Na filosofia do justo meio, Aristóteles

ensinava que "a virtude moral ou ética consiste na capacidade de escolher o justo meio entre dois extremos viciosos, em que um peca por excesso e o outro por defeito" [Boto[2]]. A *aurea mediocritas* horaciana é, pois, um justo meio entre a carência e o excesso de prazeres, ambos perturbadores do espírito, conforme o comentário acima de Spalding. Ilustramos com estrofes das odes II,10 e II,16:

> À áurea mediocridade, se alguém a ama,
> da velha casa o desasseio evita;
> mas, também, sóbrio, foge aos ricos tectos,
> causa de inveja.
>
> [Horácio, II,10, p.105]

> [...]
> Pois o ouro e o consular litor não tiram
> as agitações míseras do espírito
> e os cuidados que os tetos sobrevoam,
> ricos de ornatos.
>
> Vive com pouco e bem aquele a quem
> pátrio saleiro esplende à mesa simples
> e não lhe rouba o sono, o medo e a inveja,
> sórdido vício.
> [...]
>
> [Horácio, II, 16, p. 109]

Nestas estrofes, encontramos a explicação da mediocridade áurea, em singelas e pragmáticas recomendações e, ao mesmo tempo, na incisiva indicação de que a riqueza acarreta o desassossego e o medo, sentimento a ser evitado pelos epicuristas.

[2] BOTO, Carlota. Ética e Educação Clássica: Virtude e Felicidade no Justo Meio. http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a08v2276.pdf, acesso em 28/04/2016.

# 3 Fernando Pessoa e seus heterônimos

## 3.1 Informações biográficas

Fernando Antonio Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, em 13 de junho de 1888, e em Lisboa faleceu, aos 47 anos de idade, em 30 de novembro de 1935. Foi um lisboeta autêntico! Seu pai, que era funcionário público e crítico musical, morreu de tuberculose, quando o poeta tinha apenas cinco anos de idade. Cinco meses depois, perdeu um irmão, que estava ainda no primeiro ano de vida. A mãe, natural dos Açores, viúva, casou-se com o cônsul de Portugal em Durban, África do Sul, e mudou-se para lá com o filho.

Fernando Pessoa fez o primário em escola de freiras e depois destacou-se em sua turma, no liceu. Em 1901, após morrer uma irmã, a família vai passar um ano de férias em Portugal. A essa altura, Pessoa já escrevia poemas, criava pseudônimos e mesmo ensaiava uns prematuros heterônimos. Seus primeiros poemas foram escritos em inglês, graças à sua formação até então nessa língua. Idioma que continuou cultivando, vindo depois a trabalhar como correspondente comercial e tradutor. Na África, dividiu-se entre uma formação humanística e estudos comerciais. Cursou um ano de estudos superiores e dedicou-se à leitura de clássicos latinos e ingleses.

Em 1905, aos 17 anos de idade, voltou sem a família para Portugal, indo morar com uma avó doente mental e duas tias. Com uma herança que lhe deixara a avó, montou, em 1907, uma pequena tipografia, não obtendo êxito empresarial. Passou, então, a trabalhar como correspondente comercial estrangeiro, até o resto de sua vida.

Aos vinte anos, Fernando Pessoa abandonou os estudos universitários que iniciara. A par de uma modesta vida pública, começou a produzir intensamente como ensaísta e crítico de literatura e a frequentar círculos literários. Participou ativamente das revistas *Orpheu*, que iniciou o Modernismo em Portugal, e *Athena*, que lançou, junto com o artista plástico Ruy Vaz. Nesta revista, publicou sob seus principais heterônimos, bem como sob o ortônimo (Fernando Pessoa, ele mesmo).

Como peculiaridade biográfica, vale registrar que Pessoa demonstrava ardoroso interesse pelo misticismo e inclusive costumava fazer horóscopos para ele próprio.

Vítima dos excessos alcoólicos, Fernando Pessoa morreu aos 47 anos de idade, em 30 de novembro de 1935.

## 3.2 Considerações sobre a obra

Embora tido amplamente como um expoente da literatura mundial, a obra de Pessoa não foi ainda totalmente estudada. Moisés [2007, p. 241] considera que "Fernando Pessoa é dos casos mais complexos e estranhos, senão único dentro da Literatura Portuguesa, tão fortemente perturbador que só o futuro virá a compreendê-lo e julgá-lo como merece." Continuamos citando Moisés, pela síntese didática de sua exposição, adequada a nossa apresentação do poeta:

> [Fernando Pessoa] integrou em sua personalidade tudo quanto constituía conquista válida do lirismo tradicional, aquele que, a largos traços, tem seus pontos altos nas cantigas de amor, em Camões, Bocage, Antero, João de Deus, Cesário Verde, Camilo Pessanha, etc. Todavia, [...] com base em uma espécie de genialidade inata, quem sabe de raízes patológicas (ele se dizia "histeroneurastênico"), conseguiu superar e enriquecer a velha herança recebida. E a tal ponto procedeu na superação e no enriquecimento das matrizes poéticas portuguesas que alcançou realizar um feito semelhante ao de Camões: enquanto neste começou um ciclo poético que veio a receber o epíteto de camoniano, em Fernando Pessoa principia o ciclo pessoano, evidente nas novidades que vem revelando. [...] Do mesmo modo que o ciclo camoniano se caracteriza por uma série de *clichês* expressivos, assim o ciclo pessoano corresponde ao encontro de novos achados poéticos, comunicados numa linguagem nova, logo tornada *clichê* à custa de repetida. [...] O ciclo camoniano termina quando se inicia o pessoano. [*op. cit*., p. 241].

Conforme exposto nos fragmentos acima, Fernando Pessoa, poeta genial, particular e peculiar, considerou os grandes feitos da literatura portuguesa como ponto de partida inspirador, que soube superar, constituindo-se num marco grande e ímpar como Camões.

## 3.3 A heteronímia

Um elemento de grande significação quanto à obra pessoana – importante e de lembrança obrigatória e imediata quando se se refere ao autor e à obra – é a criação de heterônimos. A esse respeito, continuemos com Moisés [2007, p. 242-243]:

> Tudo se passa como se ele, fenomenologicamente colocado diante do mundo, tentasse reconstruí-lo ou reordená-lo partindo do nada, recebendo como se fosse pela primeira vez os impactos mil vezes sofridos pelos homens no curso da História e sentindo-os como descoberta "pura", isenta das anteriores deformações intelectuais. Tal processo pressupõe, necessariamente, a multiplicação do poeta em quantas criaturas compuseram e compõem a Humanidade na sequência dos séculos [...]. O fulcro da mundividência pessoana é constituído por um esforço no sentido de *conhecer* o Universo, como um absoluto possível e para além da contingência individual. [...] Era preciso ser todos que existiram, existem e existirão.

Desse desdobramento de personalidade, nascem os *heterônimos* de Fernando Pessoa, uma tentativa de abarcar a complexidade do universo, do que uma pessoa única, um ponto de vista único não poderia dar conta. Como, porém, "o poeta não poderia, obviamente, multiplicar-se em número igual aos seres já viventes e por vir", [...] multiplica-se em heterônimos símbolos, como se lhe fosse possível chegar às cosmovisões arquetípicas" [*op. cit*., p. 243]. O poeta tentou, por conseguinte, satisfazer sua ânsia de abranger e assimilar a multiplicidade infinita de cosmovisões, mediante um procedimento sistemático, o da organização de arquétipos.

Numa notável abordagem da criação dos principais heterônimos, Fernando Pessoa conta uma surpreendente história. Em carta de 13 de janeiro de 1935, dirigida ao poeta Casais Monteiro, narra o que lhe teria acontecido no dia 8 de março de 1914, que ele chama de seu "dia triunfal". Criou o *seu mestre* Alberto Caeiro, e escreveu, de uma vez, mais de trinta poemas do ***Guardador de rebanhos***. Logo em seguida, escreveu seis poemas da *Chuva oblíqua*, de Fernando Pessoa, ele mesmo. Ainda inventou seguidores para Alberto Caeiro: além de assumir como discípulo "o próprio Fernando Pessoa!", criou Ricardo Reis e Álvaro de Campos, e escreveu a *Ode triunfal*, deste último.

A veracidade dessa efervescência criativa do dia triunfal de Fernando Pessoa não é acreditada em sua inteireza, principalmente quanto ao volume da produção. Segundo Bréchon [1999], Ivo Castro, editor crítico dos poemas de Alberto Caeiro, esclarece que apenas dezenove poemas deste heterônimo foram produzidos na dia 8 de março de 1914; alguns haviam sido escritos antes e outros o foram *a posteriori*. A ideia de um heterônimo bucólico também é anterior àquela data. Pessoa afirma que, aos seis anos de idade, escrevia cartas a ele mesmo, assinadas por um Chevalier de Pas! Provavelmente,

porém, houve no dia triunfal um claro entendimento, uma consolidação de heterônimos latentes e uma substancial atividade produtiva "dos mesmos"!

Da referida carta a Casais Monteiro, consta ainda a autoexplicação psiquiátrica da histero-neurastenia de Fernando Pessoa:

> A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. [...] Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação . [PESSOA, 1998, p. 95].

Neste entendimento confessional, o poeta enfatiza a despersonalização e a simulação, que, pelas realizações exibidas na obra literária, manifestam-se com uma pluralidade insaciável. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos são os principais heterônimos de Fernando Pessoa.

Alberto Caeiro, mestre de Reis, de Campos e de Fernando Pessoa, ele mesmo, é o poeta que se evade no campo, pela opção de ser poeta por excelência, em convívio com a natureza, com a simplicidade das flores, das fontes e demais elementos naturais.

Ricardo Reis, que tem uma visão humanista do mundo, propugna pela reedição dos ideais clássicos, apegando-se, sobretudo, ao Humanismo da Decadência e às odes, em termos formais. Na próxima seção, discorreremos mais sobre Reis, por ser objeto central desta monografia.

Álvaro de Campos contribui para a cosmovisão múltipla pessoana com a postura moderna, do século XX. É engenheiro que, em sua poesia contestatória, "não foge de sua condição de homem sujeito à máquina e à cegueira dos semelhantes, tudo transfundido numa revolta a um tempo atual e perene" [MOISÉS, 2007, p. 244].

Entre outros heterônimos, construídos incompletamente, encontram-se Bernardo Soares, que produziu o ***Livro do Desassossego***, Alexander Search, que escrevia em inglês, Vicente Guedes, A. Mora e C. Pacheco.

Há ainda, além dos poemas escritos pelos heterônimos, os produzidos por Fernando Pessoa, com seu próprio nome, Fernando Pessoa "ele mesmo" – a poesia ortônima. "Poeta lírico, dialético, de gosto levemente barroco, esteta que escreve seus versos 'à beira-mágoa': 'Há uma vaga mágoa / No meu coração'". [*op. cit*., p. 244].

Para Moisés, “a poesia ortônima é ainda poesia heterônima” e Fernando Pessoa atua como se Álvaro de Campos fosse o Fernando Pessoa de quem Fernando Pessoa “ele-mesmo” fosse heterônimo [p. 244-245]. Entendemos que o seja pelo fato de Fernando Pessoa ver-se, ou seja, ver a “si-mesmo”, como um arquétipo dentro da multitude heteronímica. Seríamos tentados a considerar privilegiado o ortônimo, por que não?, posto que se trata d’“ele mesmo”. Tal consideração, no entanto, diminuiria de certa forma a genialidade dessa visão pessoana, multifacetada original e criativa.

# 4 Ricardo Reis

## 4.1 Generalidades

Ricardo Reis "nasceu" no Porto, em 19 de setembro de 1887. Teve educação jesuítica e formou-se em Medicina, nunca tendo exercido a profissão. Foi fortemente influenciado por Alberto Caeiro, do qual absorveu o pensamento neopagão. Diferentemente deste, porém, é mais romano do que grego, afirma Bréchon [1999, p. 221]. Inspira-se em Horácio principalmente, mas também em Lucrécio, Virgílio, e Propércio. Permeadas pelo Estoicismo e pelo Epicurismo e pela grande influência de Horácio, as *Odes* constituem o essencial de sua obra.

## 4.2 O neopaganismo das odes

Mostramos a presença do Neopaganismo na obra reisiana, a partir de sua temática, antes de tudo. Exemplificando com textos das ***Odes***, indicamos também como esse Neopaganismo é expresso – na influência de Horácio, na atitude niilista subjacente, nas filosofias epicurista e estoica e em alguns aspectos da forma poética.

### 4.2.1 A temática das odes

A brevidade do tempo é temática comum a muitas das odes de Reis, todavia sua originalidade, "consiste em celebrá-la em vez de a deplorar" [BRÉCHON, 1999, p. 228]. Vejamos um exemplo:

> Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
> Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
> Vai pra um mar muito longe, para ao pé do Fado,
> Mais longe que os deuses.
>
> Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
> Mais vale saber passar silenciosamente
> E sem desassossegos grandes.
>
> Sem amores, nem ódio, nem paixões que levantam a voz,
> Nem invejas que dão movimento aos olhos,
> Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
> E sempre iria ter ao mar.

[REIS, “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”. p. 39][3]

Nos versos reproduzidos acima, cuja leitura requer bastante atenção, o entendimento de que o destino está acima dos deuses, e o da insignificância de nossas escolhas diante dessa primazia do destino, pelo que mais vale viver sossegadamente, é uma postura epicurista.

Exemplificamos ainda a temática da efemeridade da vida e da inexorabilidade do tempo, com a seguinte estrofe:

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.
[REIS, “Mestre, são plácidas”, p.32]

A estrofe alude ao mito grego de Cronos, com quem se relaciona o romano Saturno. A mitologia greco-romana tem, obviamente, presença marcante nas odes neopagãs de Ricardo Reis. Como também são naturalmente influenciadores, Homero e Virgílio. Seguem outros exemplos de poemas de Ricardo Reis em que se explicita a supremacia do Destino (sobre homens e deuses): Como acima dos deuses o Destino / É calmo e inexorável” [REIS, “Da nossa semelhança com os deuses”, p. 55]

Além da inexorabilidade, a qualidade da calma é repetidamente atribuída por Horácio e por Ricardo Reis. Por outro lado, homens e deuses não têm liberdade; pesa-lhes o Destino:

Só esta liberdade nos concedem
Os deuses: submetermo-nos
Ao seu domínio por vontade nossa.
Mais vale assim fazermos
Porque só na ilusão da liberdade
A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem
O eterno fado pesa,
Usam para seu calmo e possuído
Convencimento antigo

[3] Para as reproduções de odes ou partes de odes de Ricardo Reis, usaremos sempre o livro de Fernando Pessoa *Odes de Ricardo Reis*, da Coleção L&PM Pocket. Não possuindo títulos, as odes serão identificadas pelos primeiros versos.

De que é divina e livre a sua vida.
[REIS, "Só esta liberdade nos concedem", p.56]

Nossa liberdade está na submissão aos deuses, assim como a dos próprios deuses depende de se submeterem ao Destino. Deve ser observado que não se refere à inevitável submissão, mas à submissão aos deuses por vontade nossa, à nossa aceitação dos ditames divinos, como os deuses aceitam os ditames do Destino. A qualidade de *calmo* é novamente referida aos deuses no poema acima.

### 4.2.2 Influência de Horácio

Ao exemplificarmos a lírica horaciana, exibimos versos em que o eu lírico recomenda espantar a velhice ou a adversidade com vinho, perfume e música. Não obstante a presença de Horácio em tudo o que vimos mostrando de Ricardo Reis, no Epicurismo, na atitude perante os deuses, na supremacia do destino, vejamos ainda, mais explicitamente, a influência do poeta romano sobre Reis, em alguns exemplos:

Aqui, nestas amigas sombras postas
Longe, onde menos nos conhece a história
Lembro os que urgem, cuidados,
Seus descuidados versos.
E mais que a todos te lembrando, screvo
Sob o vedado sol, e, te lembrando,
Bebo, imortal Horácio,
Supérfluo, à tua glória...
[REIS, "Quero versos que sejam como jóias", p. 95]

Nestes versos, além da influência de Horácio, que se nota, por exemplo, no recolhimento discreto às sombras e mesmo no prazer do vinho, há a evidente declaração do reconhecimento dessa influência sobre qualquer outra, e do lugar ímpar que o poeta romano ocupa *nas lembranças de Ricardo Reis*. A seguinte ode ilustra o *carpe diem* horaciano em Reis:

De uma só vez recolhe
As flores que puderes.
Não dura mais que até a noite o dia.
Colhe de que lembrares.

A vida é pouca e cerca-a
A sombra e o sem-remédio.
Não temos regras que compreendamos,
Súbditos sem governo.

Goza este dia como
Se a Vida fosse nele.
Homens nem deuses fadam, nem destinam

Senão quem ignoramos.

[REIS, “De uma só vez recolhe”, p. 105]

Face à brevidade da vida, é preciso que se recolha ao máximo o que é mais essencial, metaforizado pelas flores, metáfora compatível com o ideal da contemplação deleitosa e com a opção pelo retiro junto ao campo; urge que se aproveite, que se “colha o dia”, como se esse dia fosse o último, ou, ainda mais precisamente, como se o dia presente fosse único e abrangesse toda a vida. Mesmo porque – a isso também se refere o poema acima – o desconhecido regula nosso destino; não o fazem nem homens nem deuses. A temática é horaciana; vejamos comparativamente, alguns versos da ode II, 3 de Horácio, que já utilizamos anteriormente:

Manda que para lá te levem vinho,
perfumes e da suave rosa as flores,
que só duram, brevíssimas, um dia,
enquanto te permitem teu estado,
a idade e as três fatídicas irmãs,
que o destino dos homens, atras, tecem.

[Horácio, ode II,3, pp. 89 e 91]

A comparação destes versos de Horácio com a ode “De uma só vez recolhe”, de Reis constitui-se numa exemplificação convincente, pela proximidade textual, da influência de Horácio em Ricardo Reis.

Por outro lado, a *aurea mediocritas* horaciana comparece, por exemplo, nos seguintes versos: “Mais vale saber passar silenciosamente / E sem desassossegos grandes.” [REIS, “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”, p. 39]

Os versos exibem discretamente a *aurea mediocritas*, a qual implica gozar os prazeres com moderação, a fim de que não perturbem o espírito. Podemos considerar que o primeiro verso acima exibe também o *carpe diem*, na atitude expressa de saber passar, de vivenciar o momento.

No fragmento seguinte, a mediocridade áurea presentifica-se no conselho de não se desejar mais do que se recebeu do Destino (o Fado é referido em verso anterior da ode): “Contenta-te com seres quem não podes / Deixar de ser.” [REIS, “Tornar-te-ás só quem tu sempre foste”, p. 93]

Ainda como exemplo da imitação de Horácio, mencionamos o fato de que, em suas odes, Ricardo Reis repete a utilização de três nomes femininos presentes na poesia horaciana – Lídia, Cloe e Neera:

Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah! Cloe, Cloe,
[...]
[REIS, "Quão breve tempo é a mais longa vida", p. 104]

Não morreram, Neera, os velhos deuses.
Sempre que a humana alegria
Renasce, eles se voltam
Para a nossa saudade.
[REIS, "Não morreram, Neera, os velhos deuses., p. 167]

Quantos gozam o gozo de gozar
Sem que gozem o gozo, e o dividem
Entre eles e o que os outros
Vêem que gozam eles.
Ah, Lídia, as vestes do gozar omite,
Que o gozo é um, se é gozo, nem o damos
Aos outros como prêmio
De nos verem gozando.
Cada um é ele só, e se com outros
Goza, dos outros goza, não com eles.
Aprende o que te ensina
Teu corpo, teu limite.
[REIS, "Quantos gozam o gozo de gozar", p. 125]

O gozo é tema recorrente na poesia de Reis. No poema acima, o eu lírico critica os que não "colhem o dia", o momento, e a quem, por não conhecer seu corpo, seus limites, desperdiça a oportunidade de ser feliz.

Na ode seguinte, o eu lírico dirige-se de uma vez às três interlocutoras femininas, de cujas presenças prescinde, em troca de recolher-se a "si próprio", "gozando só" a quietude e o luar:

Lenta, descansa a onda que a maré deixa.
Pesada cede. Tudo é sossegado.
Só o que é de homem se ouve,
Cresce a vinda da lua.
Nesta hora, Lídia ou Neera ou Cloe,
Qualquer de vós me é estranha, que me inclino
Para o segredo dito
Pelo silêncio incerto.
[...]
[REIS, "Lenta, descansa a onda que a maré deixa" p. 124]

Nessa ode, o subconjunto das três mulheres são uma espécie de metonímia do conjunto de todas as pessoas. Lídia, Neera e Cloe têm perfis diferentes, que não nos cabe discutir neste trabalho. A adoção de três personagens femininas que aparecem nas

odes de Horácio vai ao encontro da obsessão pessoana por abranger a diversidade do mundo ou das visões de mundo. O eu lírico não desconhece ou rejeita apenas uma dada mulher, no momento de profunda contemplação e interioridade. A adoção destes nomes significa também o reconhecimento inspirador, por parte de Reis, dessa metonímia arquetípica na obra poética de Horácio.

### 4.2.3 O niilismo em Ricardo Reis

A filosofia de Reis é niilista. Segundo Bréchon [1999, p. 224], "Ele repete incansavelmente, no mesmo tom desencantado, sem nenhuma emoção aparente, sem nenhum tremor na voz, que o ser é apenas um clarão fugitivo à beira do nada". O biógrafo francês ilustra sua afirmação com a ode *Nada fica de nada. Nada somos*. Este verso, obviamente, é a expressão mais condensada possível do niilismo.

Exemplificamos mais: "Colhido, o fruto deperece; e cai / Nunca sendo colhido." [REIS, "Dia após dia a mesma vida é a mesma.", p. 98]. Neste dístico, o niilismo é menos escancarado, é mais sutil; sua expressão é elegante e resulta de um pensamento elaborado, nada simples. É mais explícito o niilismo na ode que segue:

> Flores que colho, ou deixo,
> Vosso destino é o mesmo.
> Via que sigo, chegas
> Não sei aonde eu chego.
>
> Nada somos que valha,
> Somo-lo mais que em vão.
>
> [REIS, "Flores que colho ou deixo", p. 100]

No dístico reproduzido um pouco acima, a consideração de que o fruto colhido não é mais fruto. Comparemos com esta última ode; nesta, não colhermos a flor não muda seu destino: o niilismo é expresso com mais gravidade ainda.

Na ode reproduzida abaixo, os efeitos do envelhecimento implicam também uma percepção niilista da vida:

> Já sobre a fronte vã se me acinzenta
> O cabelo do jovem que perdi.
> Meus olhos brilham menos,
> Já não tem jus a beijos minha boca.
> Se me ainda amas, por amor não ames:
> Traíras-me comigo.
>
> [REIS, "Já sobre a fronte vã se me acinzenta", p. 117]

Novamente, distinguimos o recorrente tema da velhice, e, mais uma vez, o pensamento criativo, o trocadilho instigante. Segue outro poema pungente:

> Nada fica de nada. Nada somos.
> Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
> Da irrespirável treva que nos pese
> Da húmida terra imposta,
> Cadáveres adiados que procriam.
>
> Leis feitas, estátuas vistas, odes findas
> Tudo tem cova sua. Se nós carnes
> A que um íntimo sol dá sangue, temos
> Poente, por que não elas?
> Somos contos contando contos, nada.
>
> [REIS, "Nada fica de nada. Nada somos.", p. 148]

Nesta última ode que mostramos, pesa no estarmos vivos a certeza da precariedade dessa existência, niilismo que o eu lírico estende às realizações humanas. Eis outro exemplo lacônico de um niilismo amplamente disseminado:

> No grande espaço **de não haver nada**
> Que a noite **finge**, **brilham mal** os astros,
> **Não há** lua, e ainda bem.
> Neste momento, Lídia, considero
> Tudo, e um frio **que não há** me entra
> Na alma. **Não existes**.
>
> [REIS, "No grande espaço de não haver nada", p. 168]

Nesta ode, o niilismo é apregoado com veemência em quase todos os versos (negritos nossos). Sobre o niilismo reisiano, vejamos ainda esclarecedoras palavras de Bréchon [1999, p. 226]:

> A visão niilista do mundo e da condição humana é o aspecto mais clássico e talvez mais banal da obra de Reis. Ela poder-lhe-ia inspirar um senso trágico da vida, fazer dele um revolucionário, um imprecador. Mas, ao invés, ele baseia nesse pessimismo uma ética da aceitação total. [...] O mais original em Reis é essa estratégia de sabedoria paradoxal que situa a liberdade no coração da servidão e a alegria no coração da infelicidade de existir. Liberdade e alegria tomam a forma da "serenidade" [...].

Bréchon cita, corroborativamente, a estrofe abaixo (que copiamos com a grafia da edição das *Odes*, que vimos usando):

> Só esta liberdade nos concedem
> Os deuses: submetermo-nos
> Ao seu domínio por vontade nossa.
> Mais vale assim fazermos
> Porque só na ilusão da liberdade
> A liberdade existe.

[REIS, “Só esta liberdade nos concedem”, p. 56]

Estes versos ilustram sobremaneira, ou fundamentam, as considerações de Bréchon, e expõem o meio pelo qual Ricardo Reis supera o niilismo, qual seja a ética da aceitação.

### 4.2.4 O Epicurismo de Ricardo Reis

Começamos citando versos que mostram que, para o eu lírico, Epicuro ensina mais do que Aristóteles. Mais ainda, o Epicurismo é uma atitude divina:

> [...]
> O sol que havia sobre o Parténon e a Acrópole
> O que alumiava os passos lentos e graves
> De Aristóteles falando.
> Mas Epicuro melhor
>
> Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre
> Tendo para os deuses uma atitude também de deus,
> Sereno e vendo a vida
> À distância a que está.
>
> [REIS, “A palidez do dia é levemente dourada”, p. 45]

Seguem versos nitidamente epicuristas:

> Não consentem os deuses mais que a vida.
> Tudo pois refusemos, que nos alce
> A irresistíveis píncaros,
> Perenes sem ter flores.
> [...]
>
> [REIS, “Não consentem os deuses mais que a vida.”, p. 50]

O Epicurismo é patente no aconselhamento da moderação (renúncia aos píncaros), em troca da contemplação da beleza (das flores). Aí vemos também a *aurea mediocritas*.

### 4.2.5 O Estoicismo de Ricardo Reis

Vejamos alguns exemplos textuais do estoicismo em Reis.

> Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
> E antes magnólias amo
> Que a glória e a virtude.
> [...]
>
> Se cada ano com a Primavera
> As folhas aparecem
> E com o Outono cessam?
> [...]
>
> [REIS, “Prefiro rosas, meu amor, à pátria” p. 75]

Na primeira estrofe, a opção pela simplicidade e pela contemplação da beleza, com a recusa a tudo o que dê trabalho, ou seja, fonte de preocupação; na segunda, o ciclo das coisas naturais. Segue outro exemplo:

> Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
> Não florescem no Inverno os arvoredos,
> Nem pela Primavera
> Tem branco frio os campos.
>
> [REIS, "Cada coisa a seu tempo tem seu tempo", p. 53]

Os versos expressam estoicamente a ordem das coisas naturais. Na terceira estrofe deste mesmo poema, a proposta epicurista (o eu lírico dirige-se à interlocutora Lídia) de que se evite o esforço inútil, ao mesmo tempo que sugere uma criativa ordenação das atitudes: cansarem-se pelo fato de ser hora dos cansaços!:

> À lareira, cansados não da obra
> Mas porque a hora é a hora dos cansaços,
> Não puxemos a voz
> Acima de um segredo,
> [REIS, "Cada coisa a seu tempo tem seu tempo", p. 54]

A aceitação do Destino e da ordem do universo:

> Ó deuses imortais, saiba eu ao menos
> Aceitar sem querê-lo, sorridente,
> O curso áspero e duro
> Da estrada permitida.
> [REIS, "Com que vida encherei os poucos breves", p. 115]

> Contenta-te com seres quem não podes
> Deixar de ser. Inda te fica o vasto
> Céu pr'a cobrir-te, e a terra,
> Verde ou seca a seu tempo.
> [REIS, "Contenta-te com seres quem não podes", p. 93]

A necessidade de aceitar o Destino, e a aceitação e identificação com a ordem do universo são exemplos do Estoicismo nos poemas de Ricardo Reis. Os versos acima são muito esclarecedores: a aceitação é maior, mais pungente também, porquanto o eu lírico propõe que se aceite o que não se quer, o que não adianta não querer. Aceitação estoica!

### 4.2.6 A forma das *Odes*

A forma das Odes é marcada por musicalidade e elegância, ao que Bréchon [1999, p. 222] refere-se como possuindo um "fraseado" musical. Uma das características mais facilmente observáveis na leitura das *Odes*, são as muitas alterações

da ordem dos sintagmas, recurso de que Reis se vale, com segurança e propriedade, para reproduzir a liberdade (possibilitada pelas declinações) das construções sintagmáticas da língua latina. É ampla também a utilização de *enjambements* e de outras figuras.

Vale observar que, empregando profusamente figuras de linguagem, Ricardo Reis (Fernando Pessoa) fazia uso de recursos disponíveis na língua portuguesa, posto que muitos fossem de pouca atualidade. Camões, sabemo-lo, prodigalizou um painel exaustivo de figuras de linguagem em ***Os Lusíadas***.

Hipérbato e sínquise são duas figuras muito utilizadas por Reis. Exemplificamos o hipérbato (interposição de um termo entre dois que se relacionam) nas odes: "Quando me a morte conturbar a mente [...]" [Reis, ode "Enquanto eu vir o sol doirar as folhas", p. 123]; e a sínquise (transposição violenta dos termos): "Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve / Sua face, Saturno" [REIS, "Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve", p. 122].

O provocativo e, às vezes, desafiador jogo de palavras – em que nunca vemos esnobismo, porém coadunação com o conteúdo poético das odes –, concomitantemente com o emprego de variadas figuras, é frequente, como neste exemplo:

> Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
> E deseja o destino que deseja;
> Nem cumpre o que deseja,
> Nem deseja o que cumpre.
> [REIS, "Cada um cumpre o o destino que lhe cumpre", p. 166]

Transcrevemos, a seguir, a última estrofe da Ode II,10 de Horácio, para ilustrar, no sintagma destacado com negrito nosso, um efeito textual caro a Ricardo Reis:

> Sê animoso, sê forte, na desgraça:
> **sábio, saibas**, porém, quando te é muito
> próspero o vento, contrair a tua
> túrgida vela.
> [Horácio, ode II,10, pp. 107]

Em mais um exemplo de influência de Horácio, Reis usa o mesmo recurso:

> [...]
> Não há tristezas
> Nem alegrias
> Na nossa vida.
> Assim **saibamos,**
> **Sábios** incautos,
> Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

[REIS, "Mestre, são plácidas", p. 31]

Observe-se que, no caso do exemplo, além da repetição do jogo de palavras, este foi feito com reprodução vocabular, como se nota tanto na tradução fiel e criativa de Bento Prado de Almeida Ferraz, como no original em latim[4].

Terminamos esta seção com um exemplo metalinguístico:

Ponho na altiva mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E as suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súbdita a frase o busca
E o 'scravo ritmo o serve.

[REIS, "Ponho na altiva mente o fixo esforço", p. 155]

Fernando Pessoa, na pessoa de Ricardo Reis, ou com a voz deste, aborda, na ode acima, um automatismo inerente à inspiração poética, bem como a harmonia entre forma e conteúdo.

### 4.2.7 Um poema ilustrativo

Consideremos o poema "O Deus Pã não morreu", das *Odes*. Faremos uma análise, com vistas a destacar globalmente o Neopaganismo de Ricardo Reis.

O Deus Pã não morreu.
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres –
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.

Pã continua a dar

---

[4] "Rebus ugustis animosus atque / fortis appare, **sapienter idem /** contrahes uento nimium secundo / turgida uela". [Horácio, 2003, ode II,10, p. 106].

Os sons da sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Propósito casual.

[REIS, "O deus Pã não morreu,", p. 36-37]

Nessa ode, o Neopaganismo é evidenciado, antes de tudo, pela referência aos deuses pagãos Pã, Apolo e Ceres.

No primeiro verso, que identifica o poema, o autor dialoga com a ideia de que, com o advento de Cristo, perderam o sentido as religiões politeístas. Há uma lenda do início do Cristianismo, segundo a qual, em uma noite tempestuosa, em alto mar, um marinheiro ouviu uma voz lhe falar que o deus Pã havia morrido, e, com isso, pássaros e animais choraram. O poema parte dessa ideia de extinção do politeísmo, contradizendo-a. A perenidade dos deuses clássicos é afirmada intratextualmente, por exemplo, na pequena ode que segue:

Não morreram, Neera, os velhos deuses.
Sempre que a humana alegria
Renasce, eles se voltam
Para a nossa saudade.

[REIS, "Não morreram, Neera, os velhos deuses", p. 167]

A primeira estrofe nos oferece a metáfora ou a representação divina da natureza: "cada campo que mostra aos sorrisos de Apolo os peitos nus de Ceres". Apolo – o Sol; Ceres – a agricultura, a fertilidade. Cada vez que o sol, fonte de energia, abraçar a terra mãe, o seio da terra, a natureza revigorará, haverá novas colheitas, novos frutos. O deus Pã aparecerá, quer dizer, a natureza se manifestará. Imortal Pã, pois a natureza é imortal. Vemos uma das marcas do Estoicismo: o curso das coisas passa por ciclos criativos, o ciclo da natureza!

Na segunda estrofe, que começa por uma anástrofe – a alternância da ordem normal de sujeito e predicado –, nos dois primeiros versos, o eu lírico continua a afirmar

a imortalidade de Pã, com referência direta ao Cristianismo. O nascimento de Cristo não veio destruir o politeísmo, conforme o pensamento dos cristãos.

As associações de Cristo com tristeza, e dos deuses pagãos com alegria, inclusive com a alegria dos homens, é recorrente em Ricardo Reis; um exemplo é a ode "Não morreram, Neera, os velhos deuses", reproduzida um pouco acima. O adjetivo "triste", aplicado ao deus cristão, condiz com a preferência do eu lírico pelos deuses da natureza. Podemos associar também a tristeza deste Deus ao fracasso em se destruírem os outros deuses; o adjetivo dirigindo-se especialmente aos seguidores do cristianismo. Textualmente, é expressivo o contraste do adjetivo "triste" com a alegria do paganismo, representada na primeira estrofe, pelos sorrisos de Apolo.

Cristo é um deus a mais, apenas um deus a mais, não é o verdadeiro e único, conforme Paulo pretendeu, ao anunciá-lo no discurso no areópago, em Atenas. É interessante notar que apesar de afirmar que Cristo é apenas mais um deus, o eu lírico faz uma concessão, expressa pelo advérbio "talvez"! Admite a pertinência do surgimento de um deus a mais. Como um pagão aceitava a ideia de uma multiplicidade de deuses, e os antigos gregos e romanos criavam deuses e deuses, conforme suas necessidades, seria, quiçá, contraditório um neopagão não aceitar essa possibilidade de um deus a mais. Em detrimento de Cristo, contudo, apesar do Cristianismo, a sensualidade de Pã continua, o viço da natureza perdura. Observemos ainda que a palavra atenuadora "talvez", que é das mais repetidas por Ricardo Reis, adequa-se à moderação epicurista.

Numa outra ode, que transcrevemos a seguir, Ricardo Reis trata semelhantemente do deus cristão, num texto mais específico e detalhado:

> Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.
> Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.
> Só te tenho por não mais nem menos
> Do que eles, mas mais novo apenas.
>
> Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço,
> Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.
> Quero-te onde tu 'stás, nem mais alto
> Nem mais baixo que eles, tu apenas.
>
> Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia
> Como tu, um a mais no Panteão e no culto,
> Nada mais, nem mais alto nem mais puro
> Porque para tudo havia deuses, menos tu.

> Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida
> É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros,
> E só sendo múltiplos como eles
> Staremos com a verdade e sós.
> [REIS, "Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero", p. 79]

Aproveitamos a reprodução dessa ode para mostrar como Reis usa com maestria a liberdade da sintaxe latina, na ordenação das palavras. Vejam-se, por exemplo, a anástrofe do segundo verso, para "creio em ti como nos outros deuses mais velhos" ou a expressão "dos outros teus iguais deuses", igualmente anastrófica, bem como o sintagma maior nos versos quinto e sexto, "com calma aborreço a esses que te querem acima dos outros deuses teus iguais", inversão esta que pode ser considerada um hipérbato (quando há prejuízo da clareza).

Chamamos ainda a atenção para a multiplicidade da vida, apregoada na última estrofe do poema "Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero", juntamente com a categórica afirmação de que só sendo múltiplos somos verdadeiros! Atitude pessoana inerente à criação dos heterônimos! E a preferência por deuses plurais coaduna-se igualmente com a heteronímia!

Após a breve digressão, voltamos propriamente à ode "O deus Pã não morreu". A terceira estrofe termina com versos imagéticos, Ceres recumbente, deitada nos campos, conforme suas representações pictóricas. A postura "recumbente" é epicurista, pela moderação de desejos e contemplação, e estoica, pela apatia.

Na quarta estrofe, "Os deuses são os mesmos", mais do que significar quantidade, uma vez que o eu lírico considerou a pertinência do surgimento de um deus a mais, cabe interpretar "os mesmos" como qualidade. A essência, a natureza dos deuses antigos, não mudou. Permanecem "sempre" "cheios de eternidade", "claros", ou seja, apolíneos, quentes, viçosos, alegres, e calmos – eis o Epicurismo, na moderação. "Os deuses são os mesmos [...] trazendo o dia e a noite e as colheitas douradas" – é estoica a percepção dos ciclos naturais.

Nessa última estrofe, a ênfase está na indiferença dos deuses para conosco. O desprezo por nós, dia e noite e trigo não foram, não são criados e recriados para nos serem dados, não é por nossa causa, os deuses não se preocupam conosco, a natureza não existe em função dos seres humanos, dos mortais. Isso é bem diferente de um deus cuja razão de ser é nossa salvação!

Não é por nossa causa especificamente que a natureza existe. Por que é, então? Não sabemos. O poema não diz e termina justamente expressando nosso desconhecimento dos propósitos divinos – entendam-se, também, propósitos naturais. São propósitos casuais, alheios a nosso entendimento.

A ode "O deus Pã não morreu", de versos hexassilábicos, tem estrutura simples. Na primeira estrofe, há a inversão da ordem natural de "cedo ou tarde, vereis o deus Pã aparecer por cada campo que mostra os peitos nus de Ceres aos sorrisos de Apolo". A segunda estrofe começa também com uma anástrofe, conforme já mencionamos. É bela a repetição da expressão "o dia e a noite e as colheitas douradas" na última estrofe, trocando-se "colheitas douradas" por "trigo", na segunda ocorrência. Afora isso, o eu lírico transmite sua mensagem precisa, numa forma que diríamos "clara e calma".

## 5 Conclusão

Neste trabalho, demonstramos como o Neopaganismo está presente nas odes de Ricardo Reis: na franca adesão aos deuses pagãos; nas influências literárias, de Horácio principalmente; no aproveitamento da mitologia e das epopeias clássicas; nas adjacentes atitudes estoica e epicurista veiculadas. Mostramos como essa poesia neopagã é perpassada por um profundo niilismo. Referimo-nos, ainda, a alguns aspectos formais, mediante os quais o heterônimo Ricardo Reis transportava-se à poesia clássica, com a necessária harmonização de forma e conteúdo.

O poema "O deus Pã não morreu", tomado como exemplo final, ilustra, em particular, várias das características da poética e da filosofia reisiana; exibe o Neopaganismo de Ricardo Reis, mediante: a) a rejeição à ideia de um deus único e verdadeiro, que exista por nós; b) a adesão ao deus Pã, metonímia do conjunto de todos os deuses, símbolo da natureza, eterna, cíclica; c) o Epicurismo, na calma dos deuses, na atitude contemplativa de Ceres; d) o Estoicismo, nos ordenados ciclos naturais; e) o *carpe diem*, o *fugere urbem* e a *aureas mediocritas* horacianos, que podem também ser depreendidos da adesão à natureza, da vida calma, que o eu lírico associa aos deuses, e dos apolíneos substantivos e adjetivos (sorrisos, dourados) atribuídos ao campo. A influência de Horácio, portanto.

**Referências**

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes; trad. Desidério Murcho... et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRÉCHON, Robert. *Estranho estangeiro:* uma biografia de Fernando Pessoa. Trad. Maria Abreu e Pedro Tamen. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HORÁCIO. *Odes e epodos*. Trad. e nota Bento Prado de Almeida Ferraz; introd. Antonio Medina Rodrigues; org. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Coleção Biblioteca Martins Fontes.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo*. História da filosofia grega e romana, Vol. VI. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2011.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.

PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Org., Introd. e Notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

_____. *Odes de Ricardo Reis*: obra poética III; organização, introdução e notas Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2011. (Coleção L&PM POCKET, vol. 516).